

---

# A cronologia do circo de *Olisipo*: a *Terra Sigillata*

EURICO SEPÚLVEDA  
ANA VALE  
VITOR SOUSA  
VITOR SANTOS  
NATALINA GUERREIRO

**R E S U M O** A necessidade de definir cronologias para o circo de *Olisipo* conduziu-nos ao estudo de parte do espólio arqueológico recolhido durante as intervenções efectuadas entre os anos de 1994 e 1997, por uma equipa do IPPAR e em colaboração com o Museu da Cidade. Apresenta-se neste artigo as conclusões a que se chegou a partir da análise da *Terra Sigillata*.

**A B S T R A C T** The need to define chronologies for the Roman Circus of Olisipo (Rossio, Lisboa) stimulated the study of the terra sigillata recovered between 1994-1997 by a team from IPPAR in collaboration with the Museu da Cidade. This article presents the results of our analyses.

## 1. Introdução

Em Março de 1994 foram iniciadas as escavações arqueológicas no Rossio, que se efectuaram no quadro de um Protocolo estabelecido entre o IPPAR e o Metropolitano de Lisboa S.A., no âmbito da rede de transportes urbanos, tendo o Museu da Cidade colaborado na escavação através da participação das Dr.as Lídia Fernandes e Manuela Leitão.

As acções então desencadeadas pela equipa do IPPAR — constituída pelo Dr. Clementino Amaro (director científico), Dr. João Marques, Armando Sabrosa, Barros António, Frederico Regala, José Luís Monteiro, Paulo Figueiredo e por três dos signatários (A. V., V. Santos, N. G.) — consistiram na abertura de um poço de ventilação de 17 m de diâmetro, junto à estátua de D. Pedro IV e na sua ligação à estação da Praça da Figueira (Est. I). A obra foi faseada, tendo a nossa intervenção acompanhado o calendário dos trabalhos de construção civil, pois a profundidade atingida obrigava a medidas de segurança excepcionais devido à elevada cota do nível freático nesta zona da cidade.

## 2. Enquadramento da colecção

A 1.<sup>a</sup> fase consistiu na escavação das camadas arqueológicas superiores do poço de ventilação, tendo-se encontrado materiais e estruturas contemporâneas ou posteriores ao terramoto de 1755. A necessidade de proceder à construção das paredes moldadas que envolveram o poço, impediu a continuação imediata da intervenção para além dos 5,50 metros abaixo do actual pavimento da Praça.

Os trabalhos de campo só recomeçaram em Janeiro de 1995, altura em que se verificou uma alteração radical das características do terreno, com o desaparecimento de entulhos recentes, tornando-se então, as camadas maioritariamente argilosas, onde se recolheu pouco espólio.

A cerca de 6,50 m de profundidade, a que corresponde uma cota absoluta de 4,04 m, detetou-se a barreira de um circo romano e a respectiva arena.

Esta barreira que atravessava a área de escavação no sentido Noroeste-Sudeste era, pelo menos parcialmente, constituída por bacias de água (*euripus*), encontrando-se uma outra estrutura, em pedra seca (estrutura A), paralela a esta, embora numa cota inferior e que estava quase totalmente coberta pela arena.

A 3.<sup>a</sup> fase da escavação data de Março de 1997, com a abertura da ligação do poço à estação do metropolitano da Praça da Figueira. Assim como a anterior, foi previamente delimitada por paredes moldadas.

A metodologia que se adoptou foi condicionada pelos meios e tempo disponíveis, tal como pelas difíceis condições do terreno, pouco favoráveis a uma intervenção desta natureza, uma vez que as águas freáticas foram uma presença constante.

Na escavação do poço, optou-se pela abertura de três valas de sondagem, que o atravessavam nos sentidos Norte-Sul e Este-Oeste, permitindo o conhecimento da estratigrafia, a que se seguiu a exploração em área. Recorreu-se a meios mecânicos para a remoção das camadas argilosas, sem espólio arqueológico, e procedeu-se a uma escavação manual nas zonas mais sensíveis.

Os trabalhos arqueológicos no túnel de ligação prosseguiram paralelamente ao escoramento e estabilização das paredes moldadas, o que nos permitiu apenas um aprofundamento muito gradual da escavação. Foi aberta uma vala de sondagem no canto Noroeste, onde se recolheu algum material e se constatou a similaridade das camadas relativamente às detectadas durante os trabalhos no poço.

Esta situação alterou-se substancialmente sob a cota onde se deveria localizar a arena (não nos foi possível detectar o topo, em 1997, provavelmente devido à instabilidade dos terrenos que a suportavam). Enquanto que no poço, esta assentava em camadas argilosas muito semelhantes às que a cobriam, no túnel, ela localizava-se sobre um derrube e sobre a estrutura C (Est. II).

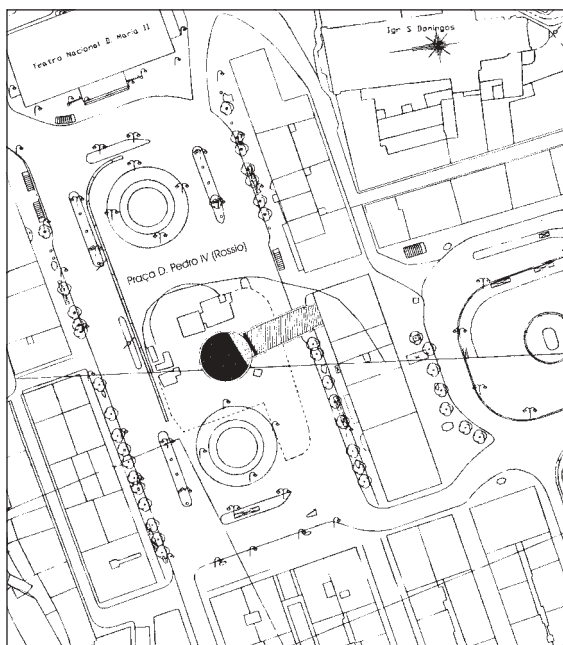


Fig. 1 Localização da escavação arqueológica na Praça D. Pedro IV (Rossio), em Lisboa, segundo a Carta Militar de Portugal.

A dimensão da área escavada fazia supor uma quantidade de material muito superior àquela que na realidade foi exumada. Como já referimos anteriormente, o circo encontrava-se coberto por camadas sem vestígios de ocupação que correspondiam possivelmente a deposições argilosas provocadas pelas enxurradas a que esta zona, localizada nos talvegues das ribeiras de Arroios e São Sebastião localizada nos talvegues das ribeiras de Arroios e São Sebastião, sempre esteve sujeita.

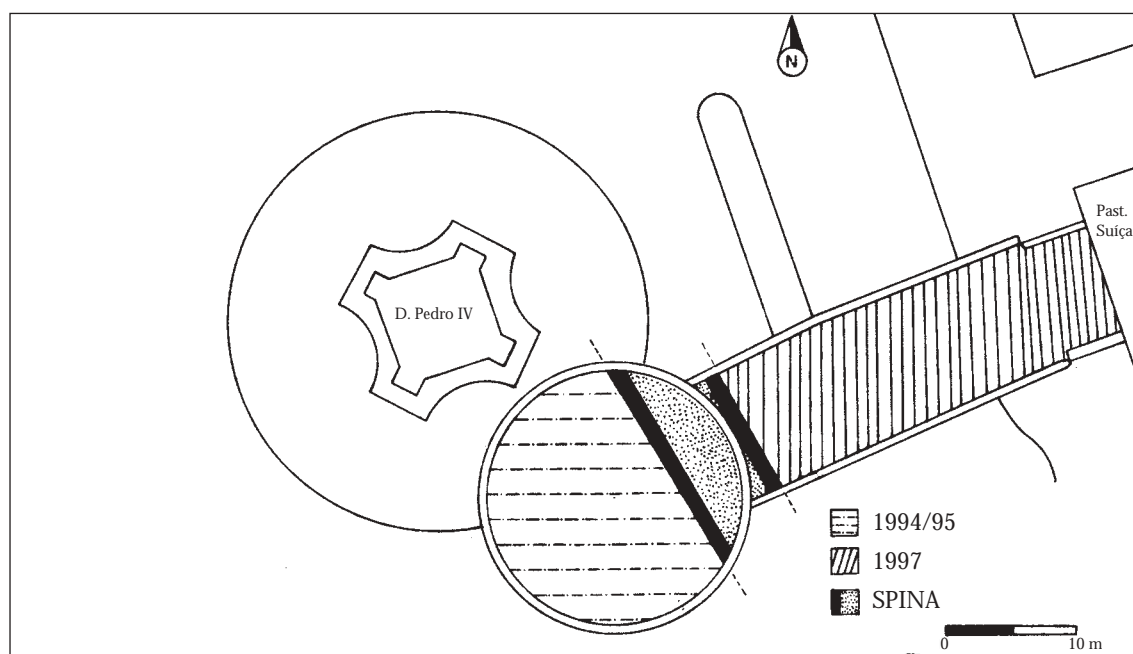


Fig. 2 Localização da área intervencionada com indicação da barreira do Circo.

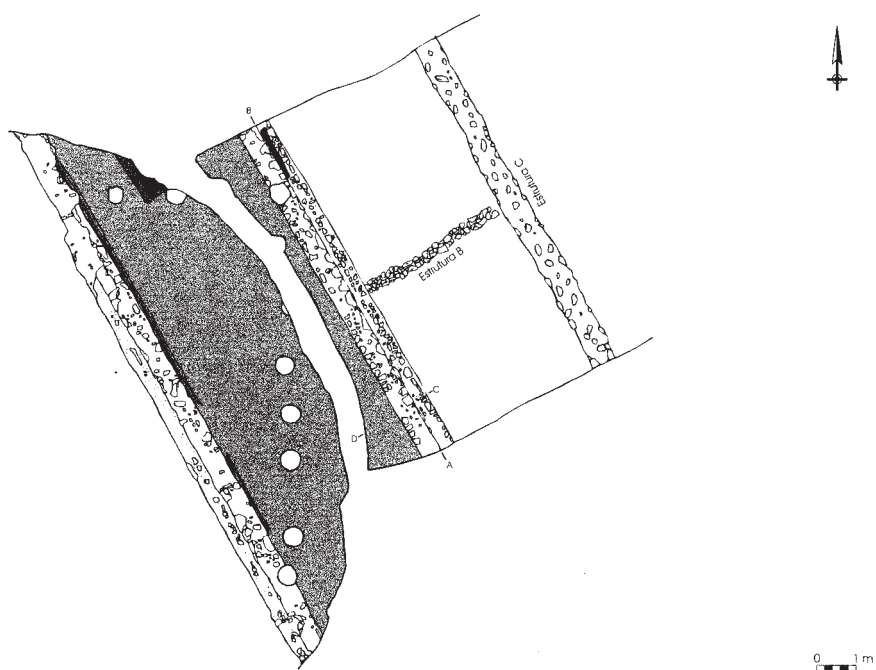
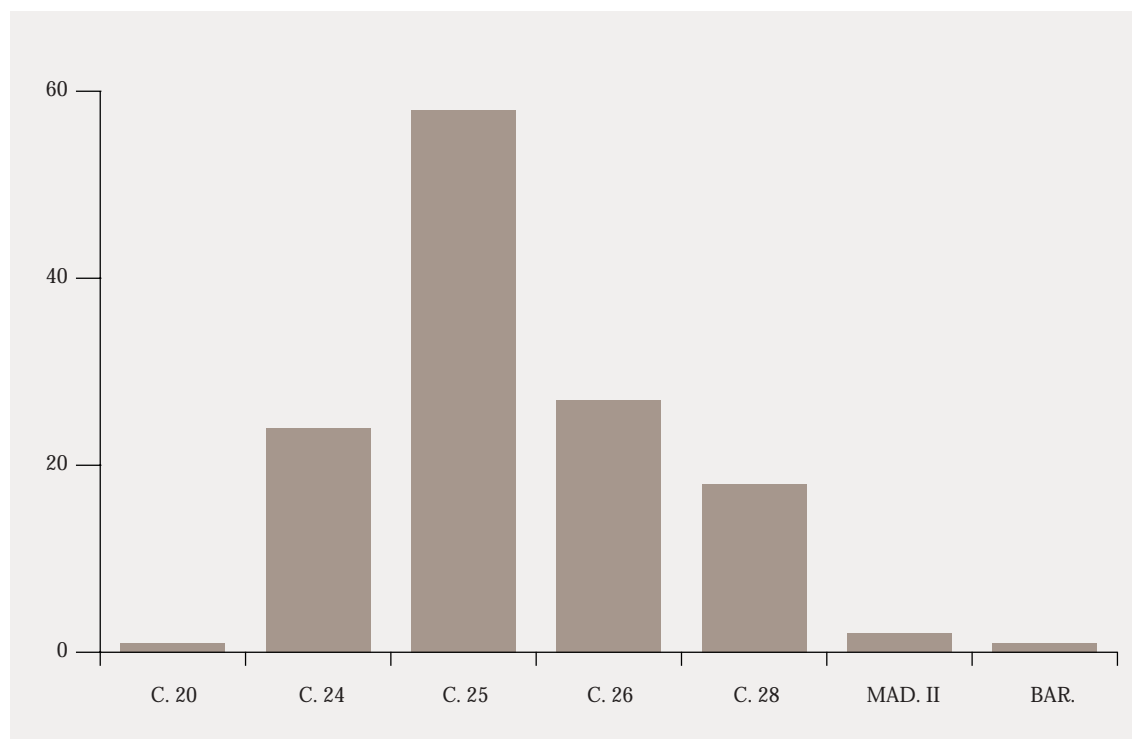


Fig. 3 Planta das estruturas romanas.

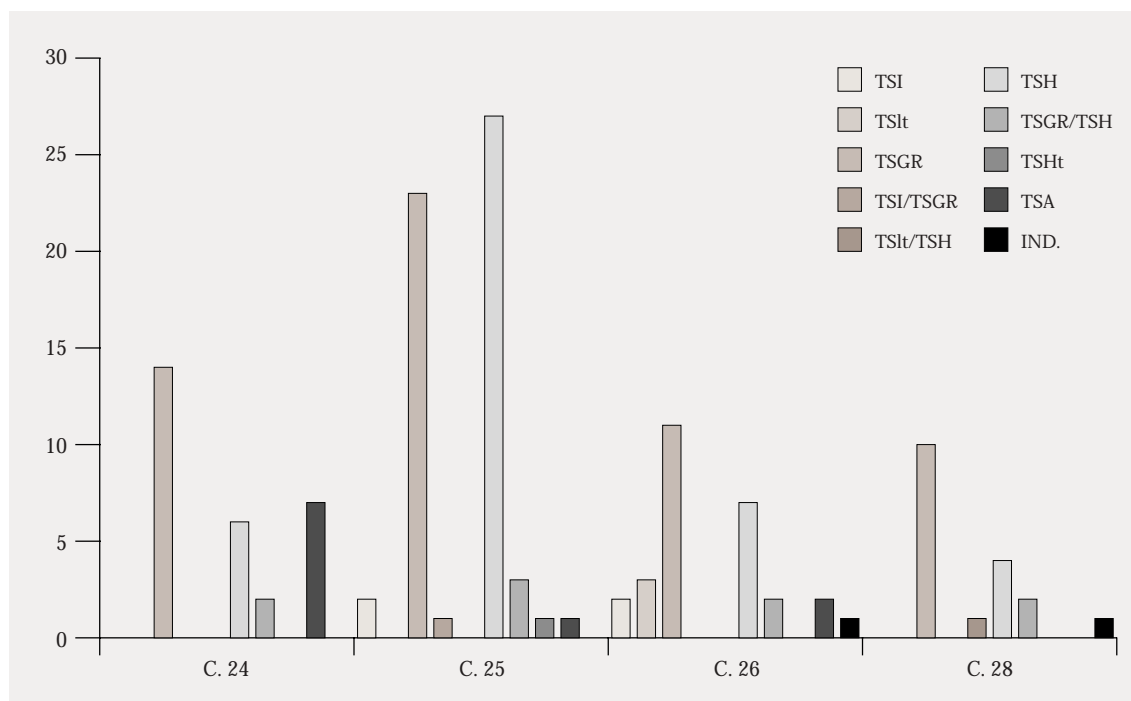
## 2.1 Camadas de recolha

Os vários fragmentos que exumámos durante a nossa intervenção, começaram a aparecer esporadicamente, nos estratos que cobriam o circo. O nosso trabalho permitiu, assim, individualizar camadas que nos forneceram o seguinte espólio de terra sigillata:



**Quadro 1** Número de unidades de T. S. por camadas

- Na Camada 20, recolheu-se um fragmento de terra sigillata galo-romana, (MLR/97/63) que se encontrava ainda associada a materiais indiferenciados e que não constituíam um conjunto coerente;
- Por sua vez, a Camada 24, também argilosa, que cobria a barreira do circo, forneceu 24 fragmentos, que representam apenas 1% do total de todos os materiais ali recolhidos. Tratava-se de uma camada de remeximento onde coexistiam fragmentos de terra sigillata com diacronias do século I d.C. aos séculos IV/V;
- A Camada 25 corresponde a um derrube, cuja cota era inferior à do topo da arena. Concentrava-se neste local a grande fatia de espólio recolhido (58 fragmentos de terra sigillata). Situava-se entre os alicerces da barreira e a estrutura C. Os fragmentos de terra sigillata estavam associados a contentores cerâmicos e a cerâmica comum, igualmente de Época Romana. Apesar de alguma discrepância cronológica dos materiais estudados, os mais recentes datam dos séculos III d.C. e IV, apresentando uma situação semelhante à da camada anterior.
- Presa às argamassas da estrutura C, foi detectado um fragmento de terra sigillata galo-romana (MLR/97/121), e a camada que lhe estava associada (Camada 26) forneceu também 27 fragmentos para o nosso estudo. O século II d.C. é a data mais baixa para estes materiais.



Quadro 2 Tipos de terra sigillata e seus quantitativos por camadas.

- A Este da estrutura C registou-se um preparado de pedras de pequena e média dimensão que supomos ter servido para a estabilização da arena, a que se juntavam nódulos de argamassa solta em diversos pontos (Camada 28). Neste local recolheu-se um total de 18 exemplares, que se encontrava associado a cerâmica comum romana. A sua cronologia aponta para finais do século I d.C. a meados do II.
- Recolheu-se ainda alguma Terra Sigillata (dois fragmentos) junto a uma estrutura de madeira (MAD.II – incorporada no quadro das camadas, a fim de facilitar a análise), com uma cota bastante profunda (entre as cotas absolutas de -47 cm e 28 cm), mas as circunstâncias não nos permitiram aqui um registo adequado, uma vez que foi destruída pelas retro-escavadoras que operavam no local. Apontam para uma datação do século III d.C., embora se encontrassem associadas a materiais medievos.
- Ao desmontarmos a barreira do circo recolheu-se um único fragmento de terra sigillata (MRS/95/102), que representa, aliás, a totalidade do espólio aqui exumado. A sua datação baliza-se entre a 1.<sup>a</sup> metade do século I d.C. e a 1.<sup>a</sup> metade do século II.

### 3. Estudo da Terra Sigillata exumada

Todos os fragmentos de terra sigillata que encontrámos e inventariámos (138) foram classificados segundo o seu local de origem de fabrico; segundo as suas formas e segundo as características das pastas e do glanztonfilm/verniz.

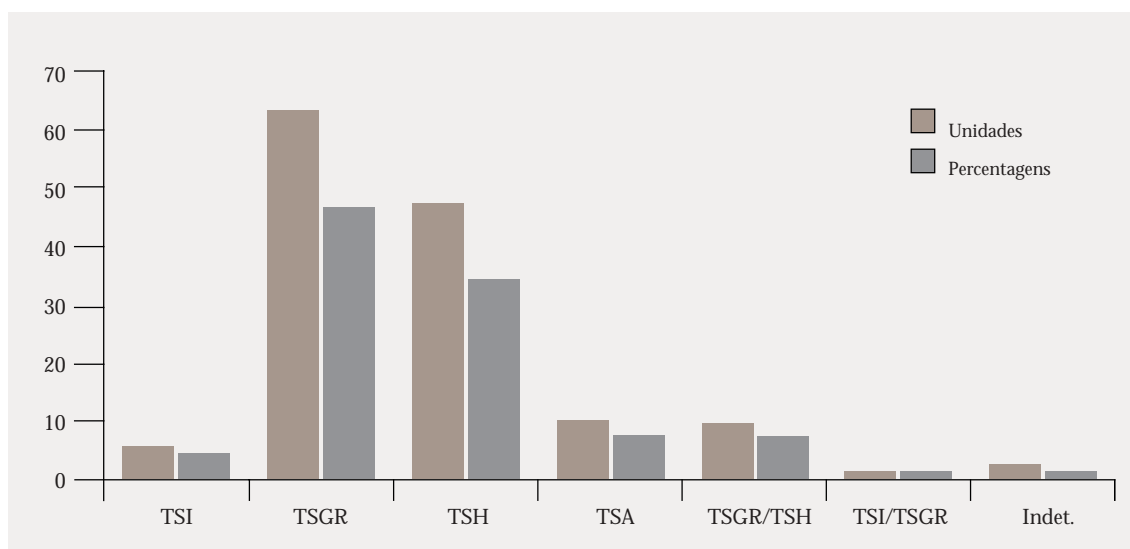
Do conjunto de que partimos, apenas se conseguiu obter um grupo de 44 unidades passíveis de serem desenhadas. Estes fragmentos constituíram o Catálogo no qual fizemos a descrição de todos eles, optando por apresentar uma cronologia individual baseando-nos nas que

fazem parte dos manuais da especialidade, mas tendo-se por princípio de que se trata de materiais de enchimento, o que significa, portanto, a inexistência de estratos selados que nos poderiam levar a apresentar diacronias bem definidas.

No entanto, não deixámos de efectuar um estudo pormenorizado em que todos os fragmentos foram analisadas de acordo com os padrões que anteriormente definimos e sintetizámos.

### 3.1 Origens das produções

Com o fim de fazermos a análise das origens da terra sigillata encontrada nas escavações do circo romano de *Olisipo*, elaborámos um quadro (Quadro 3), no qual tivemos em linha de conta os totais de fragmentos divididos pelas províncias romanas que tradicionalmente são consideradas como centros produtores deste tipo de cerâmica fina, não sem quantificar percentualmente esses totais de forma a podermos estabelecer comparações que facilitam sempre a interpretação de tais quadros.



Quadro 3 Origem da T.S. por número de unidades e percentagens.

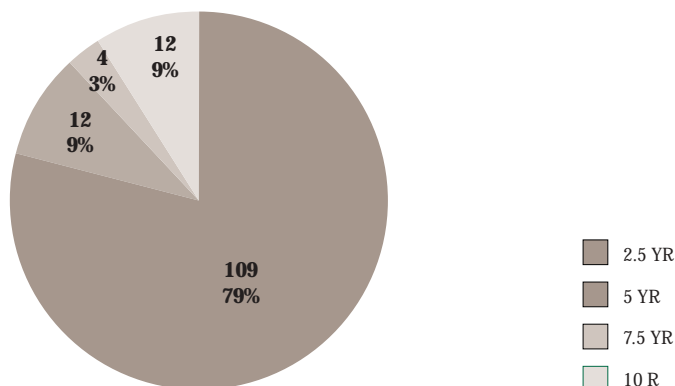
Sem dúvida que as maiores percentagens correspondem às importações efectuadas da Gália (com mais de 45%) e da Hispânia (com cerca de 35%, englobadas que foram as produções béticas e as de *Tritium*), enquanto que os produtos itálicos e norte africanos não representam, no seu conjunto, mais do que 11%. Um dos problemas que nos surgiu ao analisar o quadro foi o da escassez da *terra sigillata* norte-africana, problema esse que pensamos estar resolvido pois a datação provável da construção do circo, que será da 2.<sup>a</sup> metade do século III d.C., o que irá coincidir com a altura em que se inicia o abastecimento dos mercados, do mundo romano, através de uma grande oferta, a preços reduzidos, de cerâmica de mesa e de cozinha, resultando desta política de cariz económico a “universalidade” dos produtos com origem na *Africa Proconsularis* (segundo os autores de Atlante, é entre meados do século II d.C. e os meados do III que a terra sigillata africana Clara A tem o seu ponto mais elevado enquanto que a sigillata clara C ...*ad essere realmente universale, nel senso che essa domina, ..., dalla metà del III alla metà del V*; e, por sua vez, a D situa-se entre os meados do IV e os meados do V).; outro, diz respeito às produções itálicas – problema

que achamos ter como resposta um comércio menos intenso de *Olisipo* em relação a outros centros da Lusitânia sitos no actual território português, nos inícios da Era, o que leva à quase inexistência de fragmentos, no entanto, a existência de factores aleatórios poderiam dar outras respostas a este problema.

Por fim, as altas percentagens que encontramos, como já referimos, para as duas produções que dominam o panorama do quadro, justificam-se plenamente, na medida em que o comércio de importação de cerâmicas em terra sigillata provenientes da Gália teria obrigatoriamente que passar, a partir da segunda metade do século I d.C, por um porto da costa atlântica — Lisboa, momento em que a cidade se substitui aos entrepostos que até aí detinham, desde a Idade do Ferro, o “monopólio” das trocas. Por sua vez, as produções com origem na Bética e na Tarraconense seguiriam as rotas normais, mas transportadas como carga secundária.

### 3.2 Análise de pastas e vernizes

#### 3.2.1 Pastas



Quadro 4 Pasta: repartição das cores por unidades e percentagens.

Tornou-se necessário fazer uma análise das pastas, com o objectivo de tentar sintetizar as cores predominantes referentes ao conjunto das peças estudadas. Com esse propósito elaborou-se um gráfico em que se relacionou o total dos fragmentos com as quatro cores dominantes nas pastas. A interpretação dos dados revelou ser a cor vermelha (2.5YR de Munsell) com tons alaranjados a que se destaca, atingindo uma percentagem superior a  $\frac{3}{4}$  do total da colecção. Apurámos também ser esta a cor comum a todos os tipos de produção estudados.

Os vermelhos mais escuros (10R) e claros (5YR) vêm em seguida, não representando, agregados, mais do que 18%, estando ausentes desta última cor pastas tipicamente norte-africanas.

A restante percentagem é atribuída ao laranja-avermelhado (7.5 YR), onde, mais uma vez, se verifica a ausência de fragmentos de terra sigillata africana clara.

A fim de não tornarmos demasiado esquemática esta análise, optámos por não apresentar os vários cromas que nos levariam à criação de subgrupos que consideramos serem de pouco interesse.

No entanto, não pudemos deixar de ter em linha de conta as características físicas das pastas. Para tal, construímos 6 grupos (designados por um conjunto alfa-numérico que serviu

para definir subgrupos) nos quais considerámos as pastas quanto à sua homogeneidade, grau de compactidade, dureza, porosidade e quanto à forma da fractura:

- **A.** compacta, com caulinites, dura a muito dura, porosa, de fractura rectilínea  
**A1** : *idem*, de grau de porosidade inferior  
**A2** : *idem*, pouco dura;
- **B.** não compacta, com caulinites, branda e pouco porosa, de fractura rectilínea;
- **C.** esponjosa, com e.n.p. (micas, quartzos), dura a muito dura, porosa, de fractura irregular;
- **D.** compacta, homogénea, branda a dura, porosa, de fractura vítrea;
- **E.** esponjosa, com caulinites, branda, porosa, com fractura irregular.  
**E1** : *idem*, com vacúolos, branda/dura;
- **F.** compacta, homogénea, dura, porosa, fractura rectilínea.  
**F1** : *idem*, com fissuras e pouco dura.  
**F2** : *idem*, fractura a tender para o irregular.

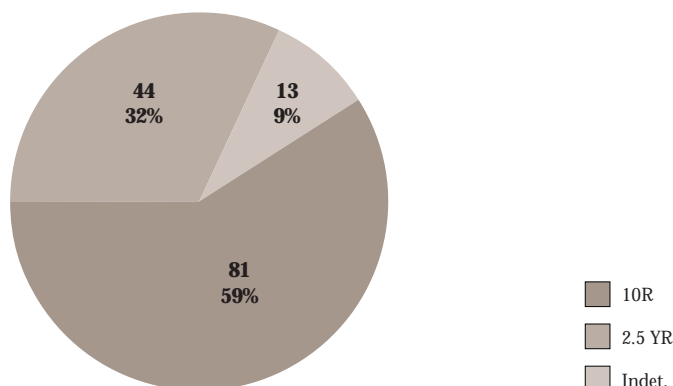
### 3.2.2 Glanztonfilm/verniz

Efectuámos o mesmo tipo de análise sobre a “película” que cobre as peças, de modo a poder-se tirar conclusões sobre duas outras vertentes: a cor e as características físicas do glanztonfilm/verniz, o que deu lugar à constituição de vários agrupamentos.

Para analisarmos as cores da película que cobre os nossos fragmentos, elaborámos um quadro em que determinámos o número de unidades e as respectivas percentagens, inseridas, por seu turno em três grandes grupos (10 R, 2.5 YR e de cor indeterminada devido ao seu alto grau de erosão).

Desta maneira, verifica-se que mais de metade da colecção apresenta uma tonalidade vermelha que se enquadra perfeitamente nos vários cromas definidos por Munsell e pertencentes à cor 10R.

As restantes unidades possuem glanztonfilm/verniz de tons mais alaranjados, excluindo 13 delas que, pelas razões que apresentámos no parágrafo anterior, não nos foi possível atribuir-lhes qualquer cor dentro destes parâmetros.



Quadro 4 Pasta: repartição das cores por unidades e percentagens.



Quanto às características físicas, considerámos como factores predominantes a homogeneidade, a espessura e o brilho. Assim, os fragmentos da colecção foram divididos em dois grupos principais, tendo como factor individualizador a apresentação, ou não, de homogeneidade. Com base nas demais características definimos, por sua vez, subgrupos.

- **1.** homogéneo, espesso e brilhante.
  - 1.1** : *idem*, pouco brilhante.
  - 1.2** : *idem*, muito pouco brilhante.
- **2.** pouco homogéneo, fino e pouco brilhante.
  - 2.1** : *idem*, espesso.
  - 2.2** : *idem*, brilhante.

### 3.2 As peças do Catálogo

No que respeita aos fragmentos que escolhemos para constituir o Catálogo, começámos por elaborar um quadro sobre a representatividade que cada produção possui, considerados que foram fragmentos decorados e lisos, num total de 44 unidades.

Totais de fragmentos em T. S. e suas percentagens		
<i>Origem</i>	<i>N.º de peças</i>	<i>%</i>
TSTI	1	2,3
TSGR	26	59,0
TSH	14	31,8
TSHt.	1	2,3
TSAf.	1	2,3
Indeterminados	1	2,3
Total	44	100,0

Pudemos verificar que são as importações galo-romanas aquelas que apresentam uma maioria esmagadora em relação às itálicas, hispânicas e africanas. É de notar a presença de um bordo de origem tardo-itálica – peças que normalmente não são referenciadas nas estações com diacronias que abrangem o período que decorre desde a segunda metade do século I d.C. até meados do segundo quartel da centúria seguinte. Apenas um fragmento não nos foi possível identificar (n.º 44 do catálogo, inv. MLR/97/99). A peça apresenta uma forma que foi pertença dos reportórios quer de oleiros gálicos e/ou hispânicos, enquanto que a sua pasta é também algo ambígua.

Embora esta estação arqueológica ofereça dificuldades quando se pretende fazer análises comparativas, visto, como dissemos anteriormente, possuímos apenas materiais de revolvimento – excluindo o caso do fragmento com o n.º de inv. MLR/97/121 (n.º 13 do Catálogo) –, é de todo o interesse podermos extrair informações que possam ajudar a atribuir cronologias ao circo romano de *Olisipo* que terá, conseqüentemente, um *terminus ante quem*.

Achámos necessário fazer uma abordagem quanto às peças decoradas, dissociando-as do total geral do Catálogo, tendo-se verificado, assim, que representam apenas 15,9%, ou seja, 7 unidades.

Totais de fragmentos em T. S. e suas percentagens		
<i>Origem</i>	<i>N.º de peças</i>	<i>%</i>
TSGR	5	71,4
TSH	2	28,6
Total	7	100,0

Para determinarmos a origem dos fragmentos decorados elaborámos o Quadro N.º 7 que nos indica ser a produção rutená a que constitui, no que diz respeito ao nosso estudo, a fonte principal de abastecimento deste tipo de cerâmica fina pois a representação hispânica apresenta-se, apenas, com uma mera expressão pontual. Os elementos decorativos aplicados nos fragmentos que classificámos como sud-gálicos provêm de punções apresentados por Hermet (1934), referentes a La Graufesenque os quais nos serviram de paralelo. Ao fazermos o seu estudo individual, verificámos serem os motivos com arranjos florais os que estão mais representados, embora nunca existam, na colecção, repetições. Os “*rincaux reflexis/decurrent*” foram aplicados no n.º 19 do Catálogo, juntamente com óvulos e dardos terminados em estrela, que nos parecem ser idênticos ao n.º 19, Pl.35 de Hermet. Encontrámos, ainda, este tipo de punção num fragmento de *Segobriga* (Sánchez-Lafuente, 1990), apesar de se verificarem punções semelhantes em outras estações arqueológicas. Quanto ao n.º 20, podemos observar metade de um *Flabellum* tipo H.18 (optámos por indicar desta forma o paralelismo dos punções, a fim de facilitar a exposição. O H corresponderá a Hermet, e o número será o da referência de cada punção dentro do mesmo tipo), Pl. 68, e os quartos traseiros de um animal que nos parece ser um canídeo ou felino, ambos aplicados entre o espaço definido por duas cordas horizontais e paralelas. Para Hermet, estes punções são normalmente aplicados em taças de forma hemisférica e raramente em taças carenadas. Na bibliografia consultada, apenas em *Argentorate* (Estrasburgo), num exemplar do Museu de Guidhall (Knorr, 1952, Tafel 16 e Tafel 25), em Belo (Bourgeois e Mayet, 1991, n.ºs 270 e 272) e em Tróia de Setúbal (inédito) conseguimos arranjar paralelos. O pequeno fragmento que constitui a peça n.º 21 tem a decorá-lo uma barra horizontal do tipo grinalda bifoliada (H. 58, com paralelos em Conímbriga, TSSG, n.ºs 76 e 91, de época flávia, Belo (Bourgeois e Mayet, 1991, n.ºs 2601, 2666) *Segobriga* (Sánchez-Lafuente, 1990, 22.43, 30.97, 32.112, 32.114), Rottweil (Knorr, 1912, Tafel XVIII e Tafel XXII), Museu Britânico e em um fragmento inédito de Tróia, para além de uma possível ponta final de um punção de tipo *sautoir* colocado superiormente a ela.

Os dois restantes exemplares levantaram-nos problemas na medida em que o primeiro (n.º 22) se encontra em mau estado de conservação, apresentando, por sua vez, um punção de difícil leitura; mostra uma figura humana para a qual pensamos ter encontrado paralelos em dois fragmentos de Belo (n.ºs 2594 e 2676), que Bourgeois interpreta como figuras de lutador. Também considerámos a possibilidade de ser a representação de um Amor possivelmente idêntico aos punções de Oswald n.ºs 428<sup>A</sup> e 445 (Oswald, 1936-1937). O segundo (n.º 23), que nos parece pertencer a um vaso de forma cilíndrica, apresenta, num espaço imediatamente superior a uma corda, os pés, em posição de ângulo recto (com o pé direito voltado para a direita e o esquerdo para a frente), de uma figura que deverá ser feminina, dado que esta se encontra vestida com túnica comprida em godé ou plissada. Depois de consultados vários autores, optámos por admitir a hipótese de se tratar de Minerva, na versão do punção de Oswald n.º 130 (espólio de *Margidunum* num vaso hemisférico de forma Drag. 37, do período trajânico) ou Hermet Pl.18, 9 e 10 (em vasos cilíndricos de forma Drag. 30, Pl. 75, 1 e 5). Para além destes que referimos, Bourgeois apresenta, no seu catálogo, para Belo, três fragmentos (n.ºs 2380, 2382 e 2383), a que foram aplicados punções representando figuras femininas idênticas à do Rossio, embora os dois pés das figuras de Belo se encontrem voltados para a direita. Por seu lado, e para o mesmo arqueossítio, a figura de Minerva está representada no

fragmento com o n.º 2435, de forma incompleta, visto o mesmo encontrar-se partido pela zona da bainha da túnica, motivo que nos leva a não podê-lo indicar como paralelo. No entanto, pensamos poder igualmente, identificá-la com outra figura da mitologia greco-romana, trata-se de Hígia (Ἑγεία, *Hygieia*) deusa da Saúde, a qual foi assimilada por Roma, nos inícios do século. III a.C., onde foi também conhecida como *Valetudo*. É representada como a figura de uma jovem que veste túnica longa, cabelos penteados ao alto, trazendo na mão um *oinochoe*, ou uma sítula, ou uma caixa (confundindo-se neste caso com Iaso ou com Panaceia), quase sempre acompanhada por Esculápio (= Asclépios), tendo, como este, sempre por perto a serpente, símbolo da Prudência. O punção de Oswald com o n.º 909<sup>A</sup>, apresenta o mesmo tipo de túnica e a mesma posição dos pés.

Os dois exemplares hispânicos decorados que fazem parte do catálogo ofereceram-nos graus de dificuldade bem diferentes. O que tem o n.º 41 está decorado com círculos concêntricos (três), decoração bastante vulgar, ou mesmo típica, dos oleiros hispânicos. Não foi difícil encontrar exemplos em trabalhos de investigação efectuados, quer em Portugal, quer referentes a outras estações do mundo romano fora da Lusitânia. A mero título informativo, podemos indicar os sítios de: *Conimbriga*, *Olisipo* (Largo de Santo António da Sé), *Miróbriga*, *Tróia*, *Belo*, *Carteia*, *Numância*,... Quanto ao fragmento com o n.º 42, levantaram-se muitas dúvidas, visto o motivo apresentado nos parecer pertencer ao repertório dos oleiros galo-romanos. Optámos, no entanto, por classificá-lo como de origem ibérica, atendendo às características físicas da pasta e do glanztonfilm/verniz. Achámos poder apontar como possível paralelo desta composição — um conjunto formado por dois círculos concêntricos denteados, decorados no seu interior, separados por um punção que parece ter como tema um motivo floral e com um friso de pérolas (?) que os limita superiormente — um exemplar do Museu de Soria, (n.º 9529, composição aplicada num vaso carenado Drag. 29) publicado por Françoise Mayet (Mayet, 1984 - Pl. LXXXIX, 346), embora nos mereça algumas reservas. Baseiam-se estas no facto de o fragmento soriano não apresentar a fieira de pérolas e ser um bordo, o que, com relutância, poderíamos considerar como paralelo para a forma do fragmento de *Olisipo*.

Abaixo apresentamos um estudo que achamos ser importante e no qual tentámos extrair algumas conclusões sobre as peças, o que constituiu para nós, mais um motivo de interesse do Catálogo. O Quadro n.º 8 dá-nos uma visão das formas que foram exumadas e passíveis de desenhinho, durante a intervenção arqueológica efectuada no Rossio.

Formas de T.S. segundo a origem de fabrico.													
Origem	Formas											Totais	
	Drag 4/22	Drag 15/17	Drag 18/Rit 2	Drag 18/31	Drag 24/25	Drag 27	Drag 29/37	Drag 37	Drag 30	Rit. 8	Consp. 20.4		Ind
TSTI											1	1	
TSGR	1	2	1	3	3	3	1		1	1		10	26
TSH		3		1			1	2				7	14
TSHt								1					1
TSAf												1	1
TSGR/TSH												1	1
Totais	1	5	1	4	3	3	2	3	1	1	1	19	44

Dos 44 fragmentos, perto de metade destes (19), são de difícil atribuição, porque não nos permitiram defini-los como pratos ou taças com absoluta certeza.

No que diz respeito aos pratos (11 unidades), são os “clássicos” Drag. 15/17 e Drag. 18/31 os que se apresentam com mais preponderância, demonstrando as características cronológicas referen-

tes aos entulhos que serviram para os enchimentos sobre os quais assentou a arena. O mesmo tipo de raciocínio deve aplicar-se às taças que constituem, a seguir ao conjunto das formas indeterminadas, o grupo com mais elementos. Mais uma vez são as formas Drag. 24/25 e Drag. 27 que se salientam com 6 unidades. Quanto a estas, é de realçar a ausência de produtos originários da Hispânia, o que nos leva a pensar existir, no restante da colecção, fragmentos que não pudemos identificar quanto à forma, mas que, na realidade, devem pertencer a este tipo de taças tão populares na produção ibérica.

Atendendo às suas características morfológicas, pensamos ser de destacar, em relação a estes conjuntos, as peças que se encontram referenciadas no Catálogo com os n.ºs 6 (inv. MLR/97/119) e 10 (inv. MLR/97/15), respectivamente.

A primeira (n.º 6) trata-se de uma pequena taça cilíndrica ápode da forma Drag. 4/22, que aparece normalmente em poucas quantidades em sítios arqueológicos com ocupação romana. Em *Conimbriga* apenas três exemplares foram exumados (Alarcão, 1975, Pl. XII, n.ºs 117, 118, 119), enquanto que em Belo, este número é já ligeiramente mais elevado, mas não ultrapassando os dezoito elementos, dos quais três são marmoreados, o que vai atribuir a esta série uma cronologia compreendida entre os principados de Cláudio e de Nero. Não poderemos considerar como paralelos perfeitos, nenhuma das peças de *Conimbriga*, embora o n.º 119 apresente um perfil bastante semelhante, assim como o diâmetro do bordo, não possuindo, no entanto, a ranhura que separa o corpo da base, o que o afasta do exemplar do circo de *Olisipo*.

A segunda (n.º 10), diz respeito a um prato assimilável à forma Drag. 18, embora o seu bordo esteja munido de um lábio de perfil bífido pouco habitual em pratos de terra sigillata de origem gaulesa. No entanto, é de salientar as produções precoces dos ateliers de Lyon — La Muette que ao copiarem modelos aretinos, apresentam pratos do Serviço IB de Haltern = a Goudineau 15, de bordos pendentes e pratos de bordo extrovertidos, ambos com lábios de perfil bífido (Genin e Desbat, 1996, p. 45, Pl. 9, 1-5, especialmente o n.º 1).

Pensámos poder tratar-se de uma variante da forma que indicámos, atendendo ao facto de que até ao momento que tivemos contacto físico directo com a peça, nunca nos termos deparado com qualquer outro exemplar idêntico. No entanto, no decorrer da investigação, que fizemos conseguimos identificar dois paralelos. O primeiro pertence ao espólio de Hofheim, estudado por Ritterling, e tem atribuído o número de inventário 09.580. Este investigador atribuiu-lhe o n.º 2, da sua tipologia (Ritt. 2, subtipo A ou B), e descreve-o (Ritterling, 1913, p. 205, 246) como:

*“Auch der die Lippe bildende Rundstab wird immer stärker und diken, bisweilen zeigt die Lippe auch bei älteren Stücken auf ihrer oberen Rundung ein Rille, so z.B. bei einem vollständigen Teller mit dem Stempel OFIC.SCO (Inv. 09.580)”*

Fomos encontrar o segundo nas necrópoles da cidade de Ampúrias (Almagro, 1955, p. 180, 181) na exumação da sepultura de incineração “Torres 51” foi recolhido um prato de terra sigillata e identificado da seguinte maneira por Almagro:

*“Plato de sigillata aretino, forma Ritterling, con una incisión en el centro de su reborde superior; lleve en su interior un círculo estriado, y en el centro otro pequeño círculo con la inscripción SCOTTIOF Se halló incompleto: de 40 mm de altura por 245 mm de diámetro de boca. Lo debemos fechar en la época de Tiberio”.*

A repetição da marca de *Scotios* nos dois pratos — estes tão peculiares — é demasiadamente convidativa para não deixarmos de atribuir ao nosso fragmento uma filiação na produção deste oleiro ruteno, para o qual Oswald determina uma diacronia do período que vai de Tibério a Nero

(Oswald, 1931, p. 285) e que se enquadra, em parte, com a cronologia atribuída por Almagro para o prato “Torres 51”.

Como nota final, não podemos concordar com a atribuição desta marca a um oleiro itálico, na medida em que *SCOTTIVS* não consta da lista elaborada por Oxé e Comfort (1968), mas sim, como já dissemos, da listagem dos oleiros galo-romanos de Oswald.

### 3.3. Oleiros

Da colecção em estudo faz parte um conjunto de quatro marcas de oleiro, que constituem um grupo homogéneo, no respeitante à sua origem, pois os fragmentos onde estão aplicadas foram classificados como oriundos da Gália – La Graufesenque – embora uma dessas marcas esteja de tal forma incompleta que a não pudemos ler. Não deixámos, porém, de classificá-la como um produto sud-gálico, atendendo às características do fragmento/base em que se encontra aposta.

Estas marcas detêm no nosso Catálogo com os n.ºs 24, 25, 26 e 27.

A primeira delas (n.º 24), apresenta-se completa e está inscrita numa cartela rectangular, com os lados menores arredondados, delimitada por dois círculos concêntricos, onde se lê o nome do oleiro *Crestus* na sua forma OF CRESTI. Este oleiro laborou na Gália do Sul (La Graufesenque) durante o período compreendido entre os principados de Cláudio e de Vespasiano, tendo tido uma actividade muito profícua. A sua produção parece não ter sido diferenciada, pois fabricou pratos (Drag. 15 e Drag. 18) e taças (Drag. 24/25, Drag. 27 e Ritt. 8) em terra sigillata lisa, não descurando, todavia, a produção de vasos decorados das formas Drag. 29 e 31.

Em um trabalho recente sobre marcas de terra sigillata galo-romana decorada, da autoria de Mees (1990), este autor apresenta, também, exemplos de taças decoradas por *MODESTVS* associadas a punções colocados no fundo interior por *CRESTVS*, o que parece demonstrar uma ligação de tipo produtivo entre estes dois oleiros.

A difusão das suas marcas, que podem apresentar vários *ductus* (Oswald, 1931, p. 95, 96, 378), é vasta, e podemos encontrá-las em arqueossítios com diacronias que vão desde os meados do século I d.C. ao ano 79. A mero tipo de exemplo podemos indicar: as regiões do *limes* renano (Alemanha - Aisklingen, Hofheim, Neuss, Rheinarden, Ristissen, Rottweil, Wiesbaden; Holanda - *Lugdunum*; Suíça - *Augst*); Inglaterra (Carlisle, Corbridge, Silchester, Wroxeter); Espanha (Belo (?), Ibiza, Lleida, Mérida, Segóbriga, Tarragona, Valeria); França (La Graufesenque, *Glanum*); Argélia; e Marrocos.

Para a difusão destas marcas em Portugal, seguimos de perto o artigo de Seomara da Veiga Ferreira (1969) que, embora tenha sido publicado nos finais da passada década de 60, consideramos uma obra de síntese sobre este tema, apesar de não pudermos esquecer os trabalhos de Bairrão Oleiro e Dias Diogo. Assim, os locais que apresentam peças em terra sigillata com a marca deste oleiro são: Azinhal, Briteiros, Castro de Fiães, Vipasca, *Balsa* (Nolen, 1994), Lisboa – cemitério romano da Praça da Figueira (Pereira, 2001) e Represas (Lopes, 1994, p. 40-42).

A segunda marca (n.º 25) que encontrámos, não está completa, pois apresenta-se fracturada na parte final. Tem, como a primeira, a forma de rectângulo, com os cantos menores arredondados e inserta em dois círculos concêntricos de diâmetros inferiores ao seu comprimento. Pertence ao oleiro ruteno *Pontus* ou *Pontius*, sendo a leitura PONT feita com a barra superior do T ligada ao N. Este oleiro deve ter começado a sua actividade nos finais do principado de Nero, alongando-a pelo período seguinte, ou seja, o que vai de Vespasiano a Trajano. A sua produção, individualizada, continuou virada para os tipos de pratos e taças que se vendiam, à altura, no mercado constituído pelo universo do Império Romano – Drag. 15, 15/17, 16, 18, 24/25 (com exemplares

marmoreados), 27, 29, 31, 33 e Ritterling 8 — motivo que nos leva a encontrar fragmentos ou peças com os seus punções quer no *limes* do Reno (Alemanha - Bona, Colónia, Mainz, Neuss, Vechten, Wiesbaden; Suíça - Konstanz, Vindonissa), quer na Britânia (Chester, Corbridge, Leicester, Wroxeter, York), na Gália (*Glanum*, La Graufesenque, Narbonne, Paris, Reims), na Hispânia (Ampúrias, *Belo*, Mérida, Tarraco), quer ainda, na Argélia (Cherchel).

Tal como verificámos para Crestos, a marca de Pontos aparece-nos associada, por vezes (em taças carenadas decoradas), a outros punções, como sejam os casos dos exemplares da forma Drag. 29 de Aveyron e de *Verulamium*, referidas por Mees. Nestas peças, os oleiros que fizeram a decoração, não deixaram nenhuma marca perceptível, facto que levou este autor a classificá-los como “anónimos”. Por sua vez, Oswald apresenta uma associação de Pontos com Crestos (Oswald, 1931, p. 243), o que não deixa de ser curioso se atendermos à existência de ambos no nosso espólio.

No actual território português, para além desta marca, conhecemos apenas dois punções diferentes deste oleiro exumadas nas estações arqueológicas da Lobeira Grande [(OF PONT) (com o N retrógrado)], para a qual Seomara da V. Ferreira apresenta dúvidas quanto à origem da sua produção, e Represas.

A terceira marca (n.º 26) encontra-se partida obliquamente em relação à base. Está inscrita numa cartela de tipo rectangular com os lados menores arredondados e delimitada por dois círculos que se tocam na ponta final do *cognomen*. Reconstituiu-se o nome do oleiro *Secundus* na sua forma SECVNDI. Trata-se de um dos oleiros mais conhecidos de todo o mundo romano, o qual produziu pratos e taças que satisfizeram a procura da época, tanto nas variantes lisas como nas decoradas. Mees não encontrou nenhuma peça em que se notasse a combinação das marcas deste oleiro com as de qualquer outro de La Graufesenque. Quanto à laboração, o seu período de actividade estende-se entre Cláudio e Nero.

De modo genérico podemos afirmar ser a difusão das suas diversas marcas atestada em todas as províncias do Império, o que nos levou a não enumerar todas as estações romanas que possuem no seu espólio, punções de *Secundus*. Para Portugal, podemos indicar os seguintes arqueossítios: Azeitada (Quinteira, 1998, com reservas), Villa Cardílio, Conímbriga, Egitânia, Lobeira Grande, Milreu, Represas, Tróia (inédita) e *Vipasca*.

A quarta marca (n.º 27) encontra-se fracturada de tal modo que não nos oferece a possibilidade de fazermos a sua leitura. Numa cartela que nos parece ser do tipo rectangular, com os lados menores arredondados, consegue-se distinguir dois II que poderão pertencer a vários oleiros.

#### 4. Conclusão

O estudo da terra sigillata recolhida na escavação arqueológica do Rossio revela-se preciso para a definição das cronologias do circo.

Diversos indicadores conduziram-nos à convicção de que este edifício não seria uma construção alto-imperial, mas sim uma realização com uma diacronia posterior ao século II d.C., se atendermos que só conhecemos circos com *euripus* a partir das alterações de Trajano efectuadas no *Circus Maximus* (informação que se pode extrair de um numisma cunhado no principado deste imperador).

Assentava em terrenos ocupados ou adjacentes à necrópole da Praça da Figueira que terá funcionado entre o século I d.C. e o III. A desactivação desta terá permitido uma nova ocupação da zona com uma funcionalidade completamente diferente. Esta situação não é única no Império, sendo conhecidos diversos circos juntos a necrópoles, como sejam os casos de Arles e de Sousse (Humphrey, 1986, p. 317 para Sousse e p. 391 para Arles), entre outros. Estes necessitavam de uma extensa área, de preferência plana, com fáceis acessos (Pereira, 2001, p. 41) e não muito longe



da cidade. Tendo em consideração a topografia de *Olisipo*, a actual Praça D. Pedro IV seria a solução mais fácil e óbvia. Saliente-se ainda, que o *euripus* consumia, para encher as suas bacias, uma quantidade considerável de água, só dispensável se a cidade dispusesse de um abastecimento seguro e constante. O aqueduto era, naturalmente, a opção mais indicada. De acordo com D. Fernando de Almeida, apenas terá sido construído no século III d. C. (Almeida, 1969).

Dois únicos fragmentos de cerâmica fina foram recolhidos dentro das estruturas: um, de pequenas dimensões recolhido aquando da desmontagem da barreira, de difícil classificação, se atendermos às características da pasta, em terra sigillata galo-romana ou hispânica (MRS/95/102), que se encontrava no interior do enrocamento e onde repousava o fundo da bacia do *euripus*, ao qual não foi possível atribuir uma cronologia mais precisa (dos Flávios a meados do século II d.C.); o outro, retirado das argamassas da estrutura C (MLR/97/121) que, como já referimos, se encontrava sob a cota da arena. Este exemplar, apresenta uma cronologia que se estende entre os finais do século I d.C. e os meados do II, o que nos aponta para uma datação mais baixa para a construção do circo. Este dado é reforçado pelo restante espólio exumado durante a escavação do túnel, de onde provém a maioria das peças estudadas, como sejam os fragmentos de terra sigillata de origem norte-africana.

Assim, a camada imediatamente sob a arena e encostada aos alicerces da estrutura permitiu a recolha de materiais cuja cronologia avança até ao século IV d.C. Consiste camada de remeximento, constituída, possivelmente, com materiais provenientes da destruição da necrópole século II/III d.C. (Heleno, 1965; Moita, 1968) e da própria construção do edifício.

Uma vez que a barreira aparenta ser uma construção de raiz, assentando nas argilas base e sem vestígios de construção anterior, a hipótese da sua edificação — após o desactivar da necrópole — torna-se bastante plausível, reforçada ainda pelos materiais aqui estudados.

Face a este estudo, ressalta a indicação de que o circo terá sido construído a partir da segunda metade do século III d.C., ou mesmo nos inícios do IV. Apesar de ser um período tradicionalmente pouco propício às grandes obras públicas, não podemos deixar de lembrar que o circo de Mérida foi completamente restaurado nesta época, quando lhe foi construído entre os anos de 337 e 340, o *euripus* (Humphrey, 1986, p. 362). Foi igualmente nesta altura que a criação de cavalo para espectáculos de circo terá atingido o apogeu na Lusitânia (Vale e Santos, no prelo).

Exclui-se a probabilidade de este monumento estar associado a um palácio, como sucede no século IV d.C. em diversos circos um pouco por todo o Império, atendendo ao facto de *Olisipo* não ter sido uma cidade imperial.

Três outros dados conclusivos podem ser igualmente adiantados, face à análise em apreço:

- Não temos qualquer informação em relação à data do seu abandono.
- As camadas que o sobrepõem são de remeximento, não tendo qualquer coerência ao nível dos materiais recolhidos.
- A utilização lúdica do circo terá decaído com o decréscimo das corridas, quer na Lusitânia, quer no restante Império, o que provocou o declínio da exportação de cavalos e o interesse por este espectáculo, nos anos que se seguiram à queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.).

## Agradecimentos

Às Dr.<sup>as</sup> Luísa Ferrer Dias, Catarina Viegas e Alexandra Gaspar, pelas sugestões dadas a propósito da peça de Terra Sigillata sudgálica da forma Ritt. 2; ao Dr. Elvío Melim de Sousa e ao Eng.<sup>o</sup> Pereira do Vale pelo trabalho de revisão.

## Catálogo

1

### Terra sigillata tardo-italica

**Forma** *Consp. 20.4* – fragmento de bordo de prato.

**Pasta** grupo D; cor 2.5YR

**Glanztonfilm/verniz** grupo 1; cor 2.5YR

**Diâmetros** indeterminado

**Cronologia** primeiro quartel - terceiro quartel do século I d.C.

**N.º de inventário** MLR/97/14

2

### Terra sigillata galo-romana

**Forma** Drag. 24/25 – fragmento de bordo de taça.

**Pasta** grupo A; cor 2.5YR

**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.1; cor 10R

**Diâmetros** indeterminado

**Cronologia** Flávios

**N.º de inventário** MLR/97/24

3

### Terra sigillata galo-romana

**Forma** Drag. 24/25 - fragmento de bordo de taça.

**Pasta** grupo A; cor 2.5YR

**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.1; cor 10R

**Diâmetros** indeterminado

**Cronologia** Flávios

**N.º de inventário** MLR/97/27

4

### Terra sigillata galo-romana

**Forma** Drag. 24/25 - fragmento de fundo de taça.

**Pasta** grupo A; cor 2.5YR

**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.1; cor 10R

**Diâmetros** 38 mm (base)

**Cronologia** 80-130 d.C.

**N.º de inventário** MLR/97/113

5

### Terra sigillata galo-romana

**Forma** Drag. 27 (?) - fragmento de bordo de taça.

**Pasta** grupo A; cor 2.5YR

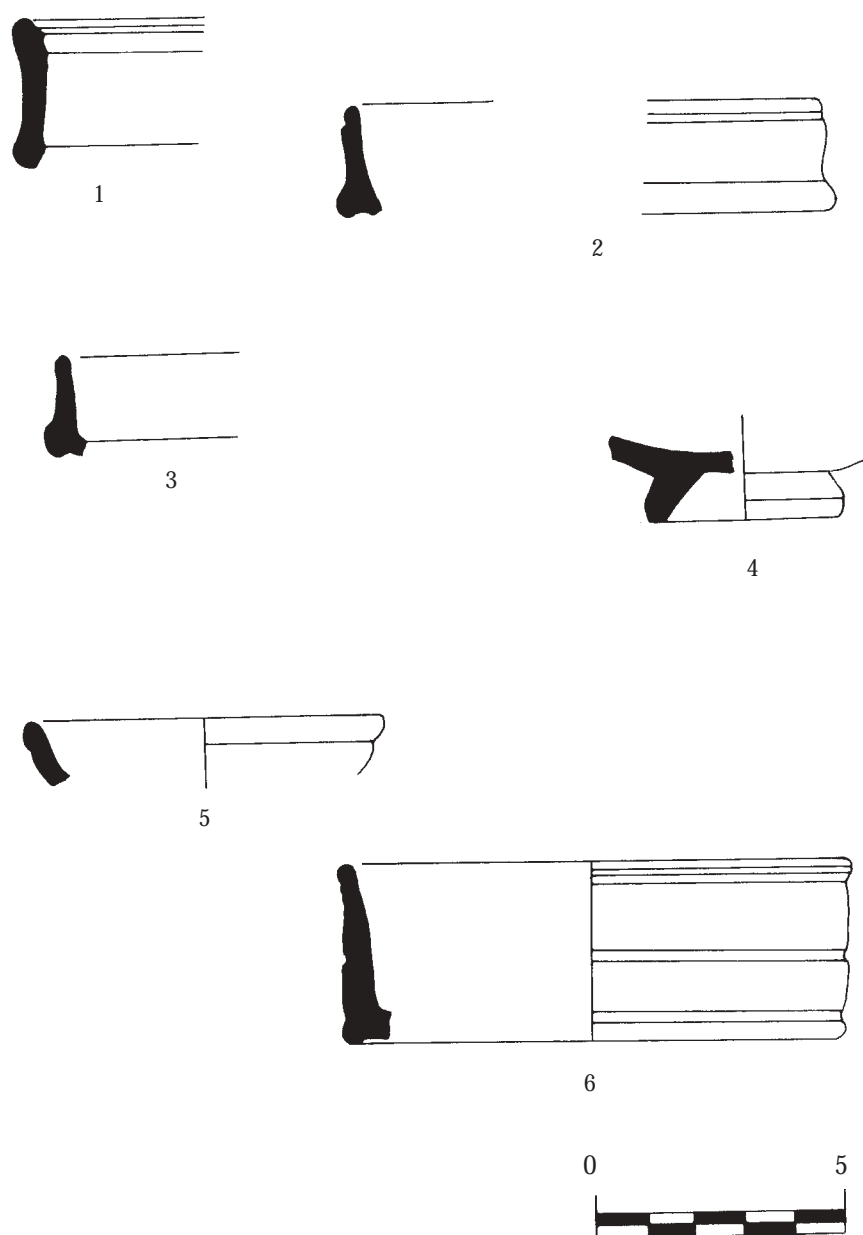
**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.1; cor 10R

**Diâmetros** 70 mm (bordo)

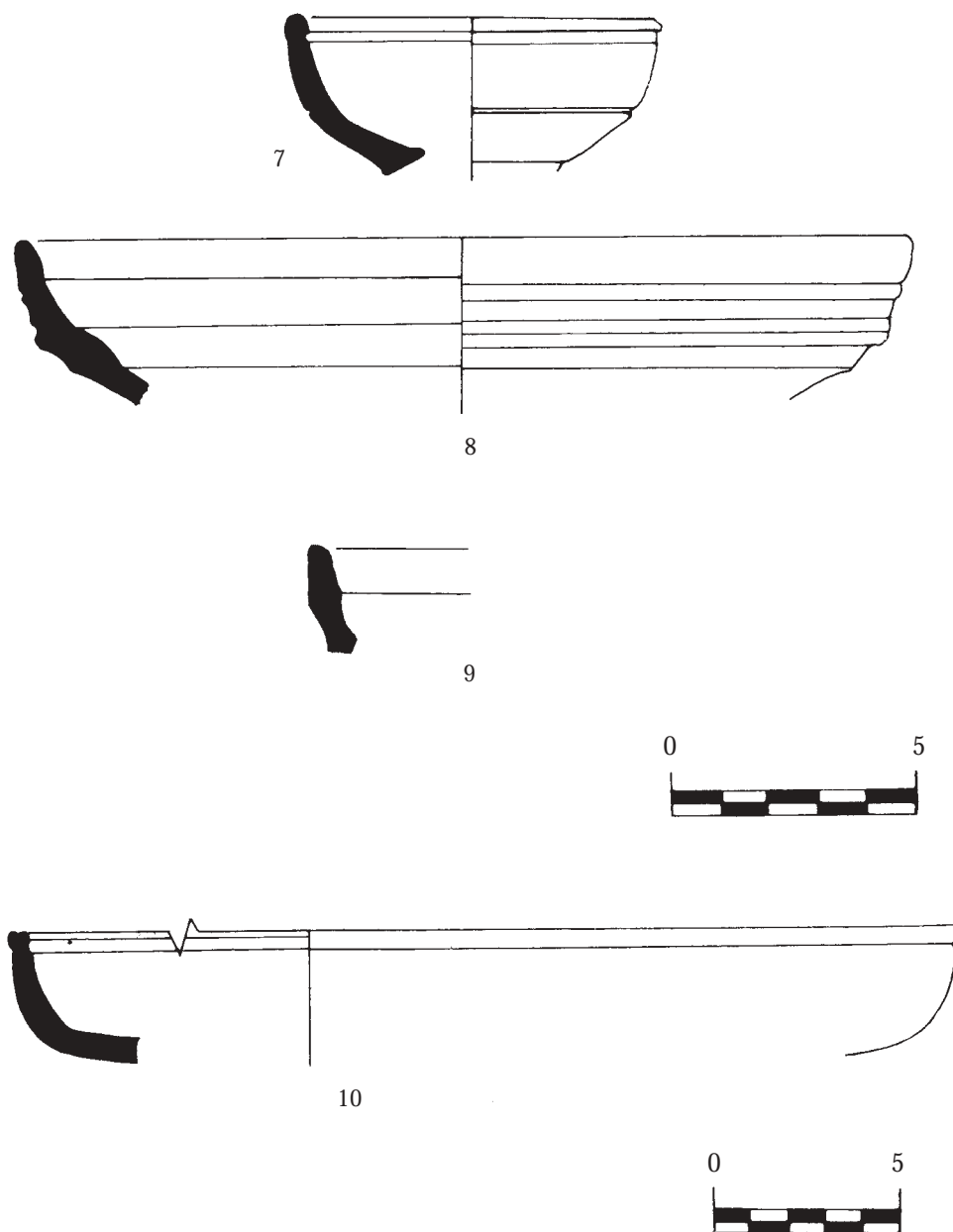
**Cronologia** Flávios

**N.º de inventário** MLR/97/29



**6****Terra sigillata galo-romana****Forma** Drag. 4/22 - fragmento com perfil completo de taça ápole, cilíndrica.**Pasta** grupo F; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 1; cor 10R**Diâmetros** 104 mm (bordo) e 98 mm (base)**Cronologia** 41-68 d.C.**N.º de inventário** MLR/97/119

**Estampa I** 1 - TSI tardia *Consp.* 20.4; 2-5 - TSGR Drag. 24/25; 6 - TSGR Drag. 4/22.



Estampa II 7 - TSGR Ritt 8; 8-9 - TSGR Drag. 15/17; 10 - TSGR Drag. 18.

7

### Terra sigillata galo-romana

**Forma** Ritt. 8 - fragmento de taça com bordo e pança (perfil quase completo, faltando-lhe apenas a base).

**Pasta** grupo A; cor 2.5YR

**Glanztonfilm/verniz** grupo 2; cor 2.5YR

**Diâmetros** 72 mm (bordo)

**Cronologia** Hofheim (1.<sup>a</sup> ocupação, claudiana)

**N.º de inventário** MLR/97/120

**8****Terra sigillata galo-romana**

**Forma** Drag. 15/17 - fragmento de prato a que lhe falta a base.

**Pasta** grupo A; cor 2.5YR

**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.1; cor 10R

**Diâmetros** 182 mm (bordo)

**Cronologia** Cláudio a finais dos Flávios

**N.º de inventário** MLR/97/64

**9****Terra sigillata galo-romana**

**Forma** Drag. 15/17 - pequeno fragmento de bordo de prato.

**Pasta** grupo F; cor 10R

**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.1; cor 10R

**Diâmetros** indeterminado

**Cronologia** 64-130 d.C.

**N.º de inventário** MLR/97/98

**10****Terra sigillata galo-romana**

**Forma** Drag. 18/ Ritt. 2 fragmento de bordo de perfil biselado de grande prato.

**Pasta** grupo A<sub>1</sub>; cor 2.5YR

**Glanztonfilm/verniz** grupo 1; cor 2.5YR

**Diâmetros** 350 mm, aproximadamente (bordo)

**Cronologia** Hofheim (1.ª ocupação, claudiana); Ampúrias (Tibério a Cláudio)

**N.º de inventário** MLR/97/15

**11****Terra sigillata galo-romana**

**Forma** Drag. 18/31 - fragmento de bordo de prato.

**Pasta** grupo E<sub>1</sub>; cor 2.5YR

**Glanztonfilm/verniz** grupo 2; cor 10R

**Diâmetros** 173 mm (bordo)

**Cronologia** Cláudio

**N.º de inventário** MLR/97/73

**12****Terra sigillata galo-romana**

**Forma** Drag. 18/31 - fragmento de bordo de prato.

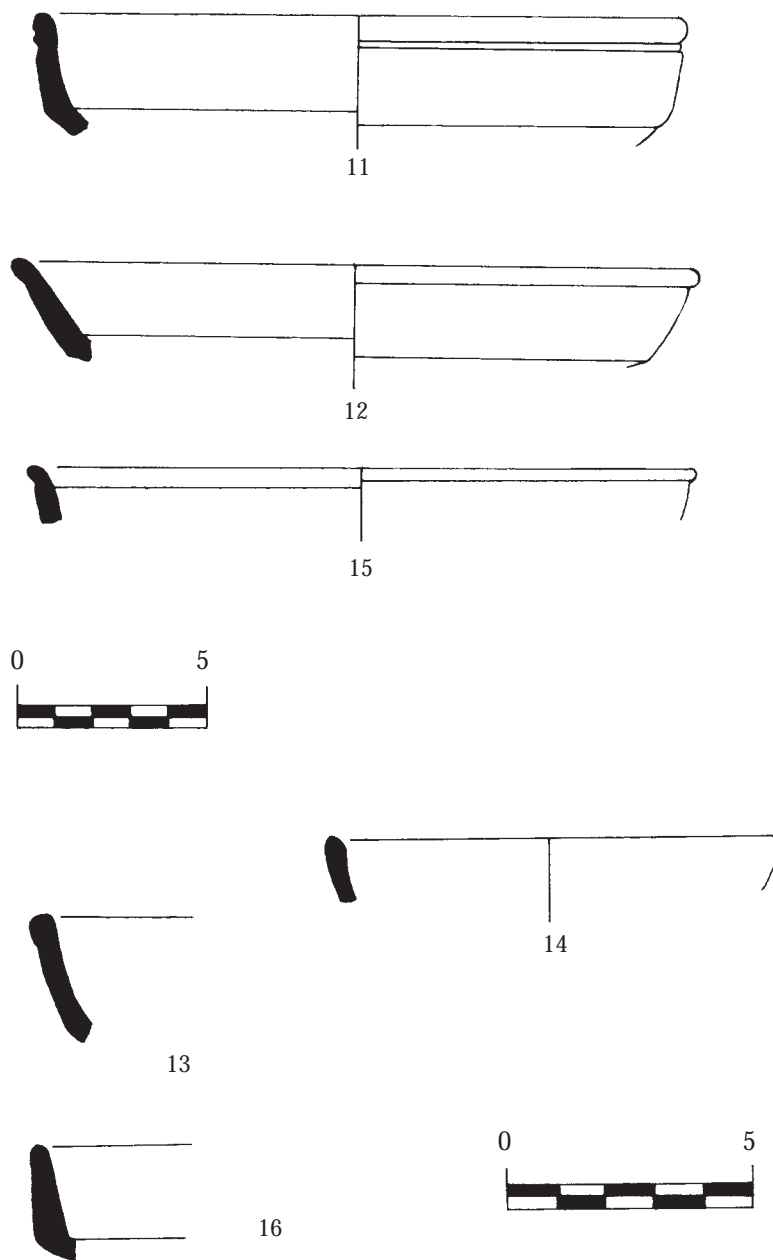
**Pasta** grupo A; cor 2.5YR

**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.2; cor 10R

**Diâmetros** 182 mm (bordo)

**Cronologia** Domiciano a Trajano

**N.º de inventário** MLR/97/70



Estampa III 11-13 - TSGR Drag. 18/31; 15/16 - TSGR formas indeterminadas.

### 13

**Terra sigillata galo-romana**

**Forma** Drag. 18/31 - pequeno fragmento de bordo de prato.

**Pasta** grupo A; cor 2.5YR

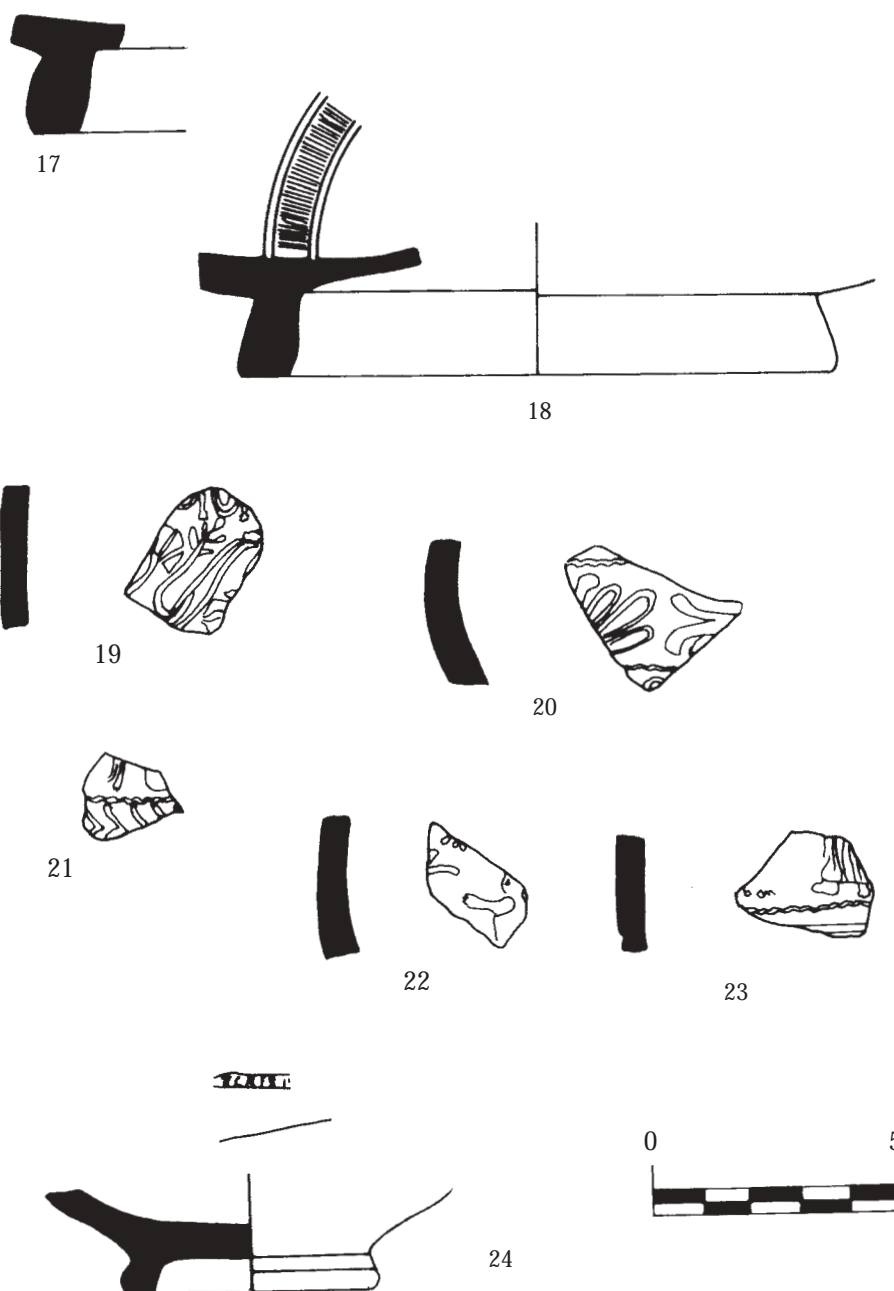
**Glanztonfilm/verniz** grupo 2.2; cor 10R

**Diâmetros** indeterminado

**Cronologia** Domiciano a Trajano

**N.º de inventário** MLR/97/121

**14****Terra sigillata galo-romana****Forma** Indeterminada - pequeno fragmento de bordo.**Pasta** grupo F<sub>1</sub>; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.1; cor 10R**Diâmetros** 91 mm (bordo)**Cronologia** Cláudio ao primeiro quartel do século II d.C.**N.º de inventário** MLR/97/68**15****Terra sigillata galo-romana****Forma** indeterminada - pequeno fragmento de bordo.**Pasta** grupo E<sub>1</sub>; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 2; cor 10R**Diâmetros** 177 mm (bordo)**Cronologia** Cláudio ao primeiro quartel do século II d.C.**N.º de inventário** MLR/97/69**16****Terra sigillata galo-romana****Forma** indeterminada (Drag 18/31, possivelmente) - fragmento de bordo e inflexão da parede inferior de possível prato.**Pasta** grupo A<sub>2</sub>; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 2.2; cor 2.5YR**Diâmetros** indeterminado**Cronologia** Flávios ao primeiro quartel do século II d.C.**N.º de inventário** MLR/97/6**17****Terra sigillata galo-romana****Forma** indeterminada (Drag. 15/17, possivelmente) - fragmento de pé de possível prato.**Pasta** grupo A; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.1; cor 10R**Diâmetros** indeterminado**Cronologia** Tibério/Cláudio ao primeiro terço do século II d.C.**N.º de inventário** MLR/97/2**18****Terra sigillata galo-romana****Forma** indeterminada (Drag. 15/17, possivelmente) - fragmento de base com pé de prato.**Pasta** grupo A<sub>1</sub>; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.1; cor 10R**Diâmetros** 119 mm (base)**Cronologia** segunda metade a finais do século I d.C.**N.º de inventário** MLR/97/23

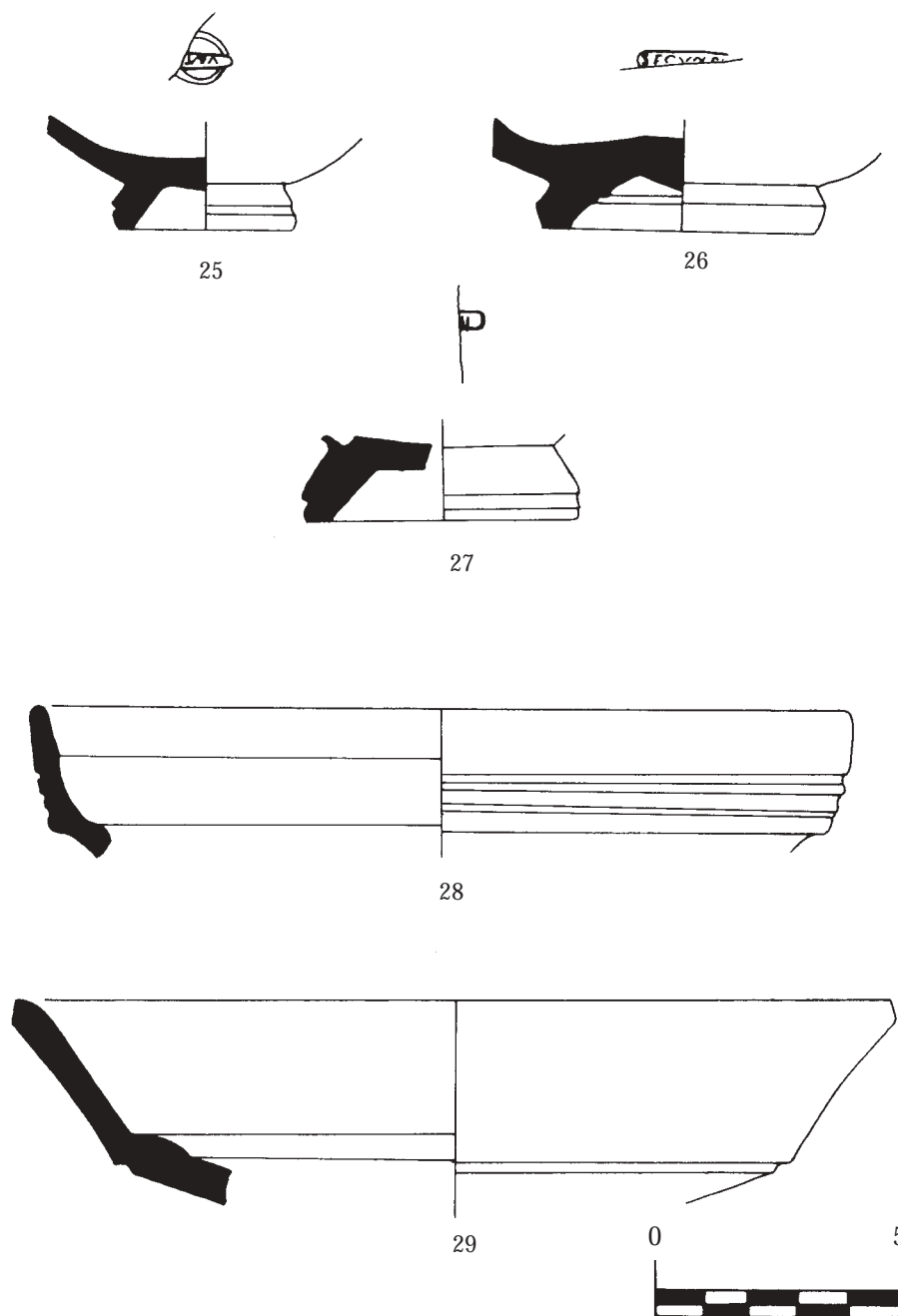
**19****Terra sigillata galo-romana****Forma** Drag. 30 - fragmento de parede de taça de perfil cilíndrico.**Pasta** grupo A; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.1; cor 10R**Cronologia** Cláudio a meados do século II d.C.**N.º de inventário** MLR/97/71

Estampa IV 17, 18, 24 - TSGR formas indeterminadas; 19-23 - TSGR formas decoradas.

**20****Terra sigillata galo-romana****Forma** Drag. 37 ou 29 - fragmento de parede de taça de perfil hemisférico ou carenado.**Pasta** grupo A; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.1; cor 10R**Cronologia** Cláudio a meados do século II d.C.**N.º de inventário** MLR/97/72**21****Terra sigillata galo-romana****Forma** indeterminada - pequeno fragmento de pança.**Pasta** grupo A; cor 10R**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.1; cor 10R**Cronologia** Cláudio a meados do século II d.C.**N.º de inventário** MLR/97/48**22****Terra sigillata galo-romana****Forma** indeterminada (Drag. 29 ou 37, possivelmente) - fragmento de parede de taça.**Pasta** grupo A<sub>1</sub>; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 1; cor 10R**Cronologia** Cláudio a meados do século II d.C.**N.º de inventário** MLR/97/55**23****Terra sigillata galo-romana****Forma** indeterminada (Drag. 30, possivelmente) - fragmento de pança de taça de perfil cilíndrico.**Pasta** grupo A; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 1; cor 10R**Cronologia** Cláudio a meados do século II d.C.**N.º de inventário** MLR/97/114**24****Terra sigillata galo-romana****Forma** indeterminada - base de taça.**Pasta** grupo A<sub>2</sub>; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 2.2; cor 10R**Diâmetros** 50 mm (base)**Cronologia** Cláudio a Vespasiano**N.º de inventário** MLR/97/109**Nota** apresenta marca do oleiro CRESTOS

**25****Terra sigillata galo-romana****Forma** indeterminada (Drag. 27, provavelmente) - fragmento de base de taça.**Pasta** grupo A<sub>1</sub>; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.1; cor 10R**Diâmetros** 36 mm (base)**Cronologia** de finais de Nero a Trajano**N.º de inventário** MLR/97/11**Nota** apresenta marca do oleiro PONTIUS**26****Terra sigillata galo-romana****Forma** indeterminada (Drag. 24/25 ou 27, provavelmente) - base de taça.**Pasta** grupo A; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 2; cor 10R**Diâmetros** 55 mm (base)**Cronologia** Cláudio a Vespasiano**N.º de inventário** MLR/97/78**Nota** apresenta marca do oleiro SECUNDOS**27****Terra sigillata galo-romana****Forma** indeterminada (Drag. 27, provavelmente) - fragmento de base de taça.**Pasta** grupo F<sub>1</sub>; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.1; cor 10R**Diâmetros** 54 mm (base)**Cronologia** Cláudio aos Flávios**N.º de inventário** MLR/97/103**Nota** apresenta marca de oleiro ilegível**28****Terra sigillata hispânica (Tricio)****Forma** Drag. 15/17 - fragmento de bordo e inflexão de prato.**Pasta** grupo A<sub>2</sub>; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.2; cor 10R**Diâmetros** 164 mm (bordo)**Cronologia** Cláudio a meados do século II d.C.**N.º de inventário** MLR/97/65**29****Terra sigillata hispânica (Tricio)****Forma** Drag. 15/17 - fragmento do bordo e da parede inferior de prato.**Pasta** grupo A; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 1; cor 10R**Diâmetros** 176 mm (bordo)**Cronologia** Domiciano a meados do século II d.C.**N.º de inventário** MLR/97/1





Estampa V 25-27 - TSGR formas indeterminadas; 28, 29 - TSH Drag. 15/17.

### 30

#### Terra sigillata hispânica (Tricio)

**Forma** Drag. 15/17 - pequeno fragmento de bordo.

**Pasta** grupo E<sub>1</sub>; cor 2.5YR

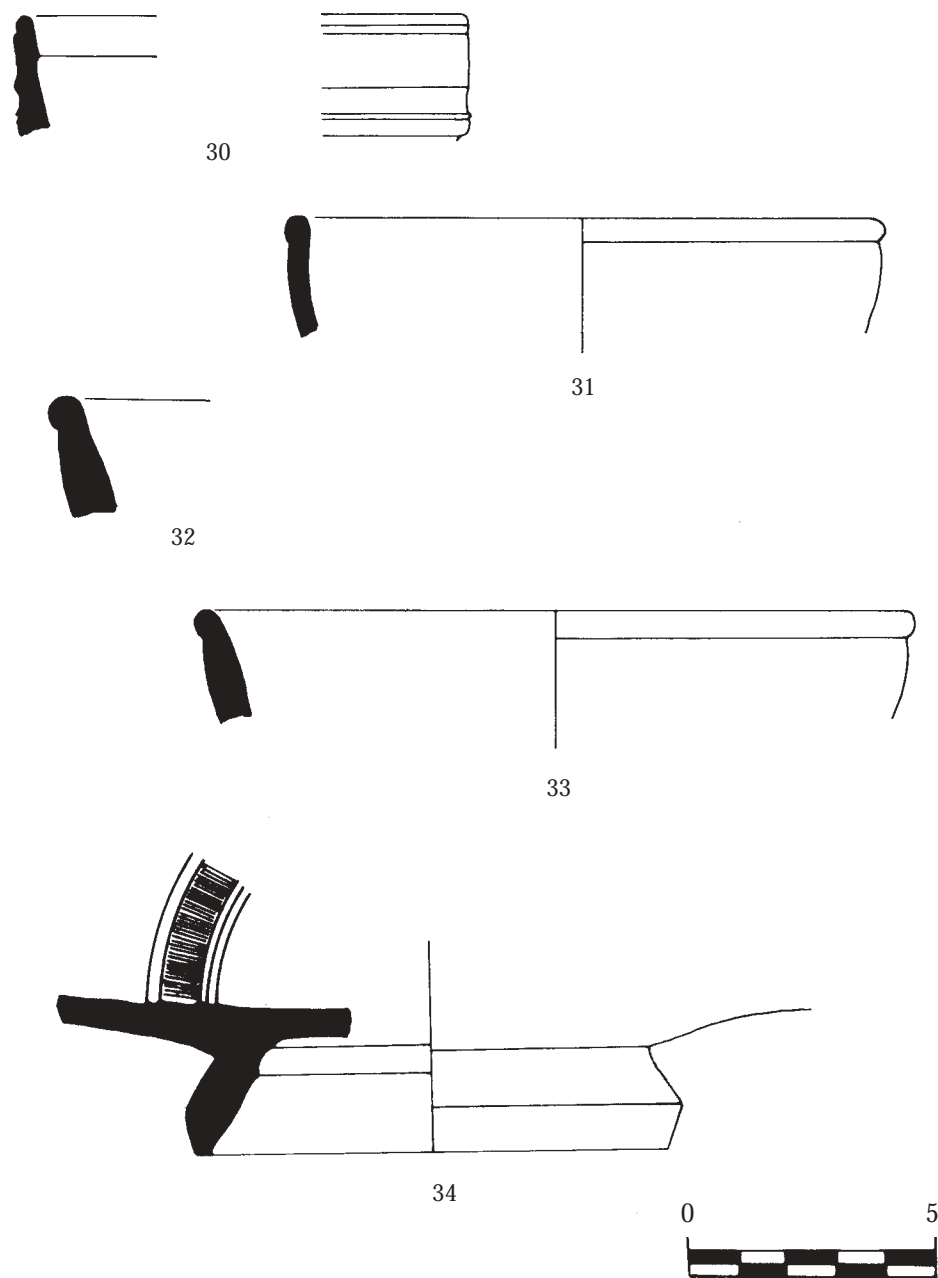
**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.1; cor 10R

**Diâmetros** indeterminado

**Cronologia** Domiciano a meados do século II d.C.

**N.º de inventário** MLR/97/50

**31****Terra sigillata hispânica (Tricio)****Forma** Drag. 18/31 (provavelmente) – pequeno fragmento de bordo.**Pasta** grupo E<sub>1</sub>; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 1; cor 10R**Diâmetros** 117 mm (bordo)**Cronologia** meados do século I d.C. a finais do II**N.º de inventário** MLR/97/122**32****Terra sigillata hispânica (Andújar)****Forma** Drag. 37 (?) – pequeno fragmento de bordo de possível taça hemisférica.**Pasta** grupo E; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 1; cor 10R**Diâmetros** indeterminado**Cronologia** finais século I d.C.**N.º de inventário** MLR/97/83**33****Terra sigillata hispânica-tardia (Tricio)****Forma** Drag. 37t – pequeno fragmento de bordo de taça hemisférica.**Pasta** grupo E<sub>2</sub>; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 2; cor 2.5YR**Diâmetros** 141 mm (bordo)**Cronologia** século III d.C.**N.º de inventário** MLR/97/67**34****Terra sigillata hispânica****Forma** indeterminada (Drag. 15/17, possivelmente) – base de prato.**Pasta** grupo A<sub>2</sub>; cor 5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 2.1; cor 2.5YR**Diâmetros** 95 mm (base)**Cronologia** meados a finais do século I d.C.**N.º de inventário** MLR/97/74**35****Terra sigillata hispânica****Forma** indeterminada (Drag. 15/17 ou 18/31, possivelmente) – fragmento de base de prato.**Pasta** grupo E<sub>1</sub>; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.1; cor 10R**Diâmetros** 87 mm (base)**Cronologia** meados a finais do século I d.C.**N.º de inventário** MLR/97/44



**Estampa VI** 30 – TSH Drag. 15/17; 31 – TSH Drag. 18/31; 32 – TSH Drag. 37; 33 – TSHt Drag. 37t; 34 – TSH forma indeterminada.

### 36

#### Terra sigillata hispânica (Andújar)

**Forma** indeterminada - fragmento de base de prato.

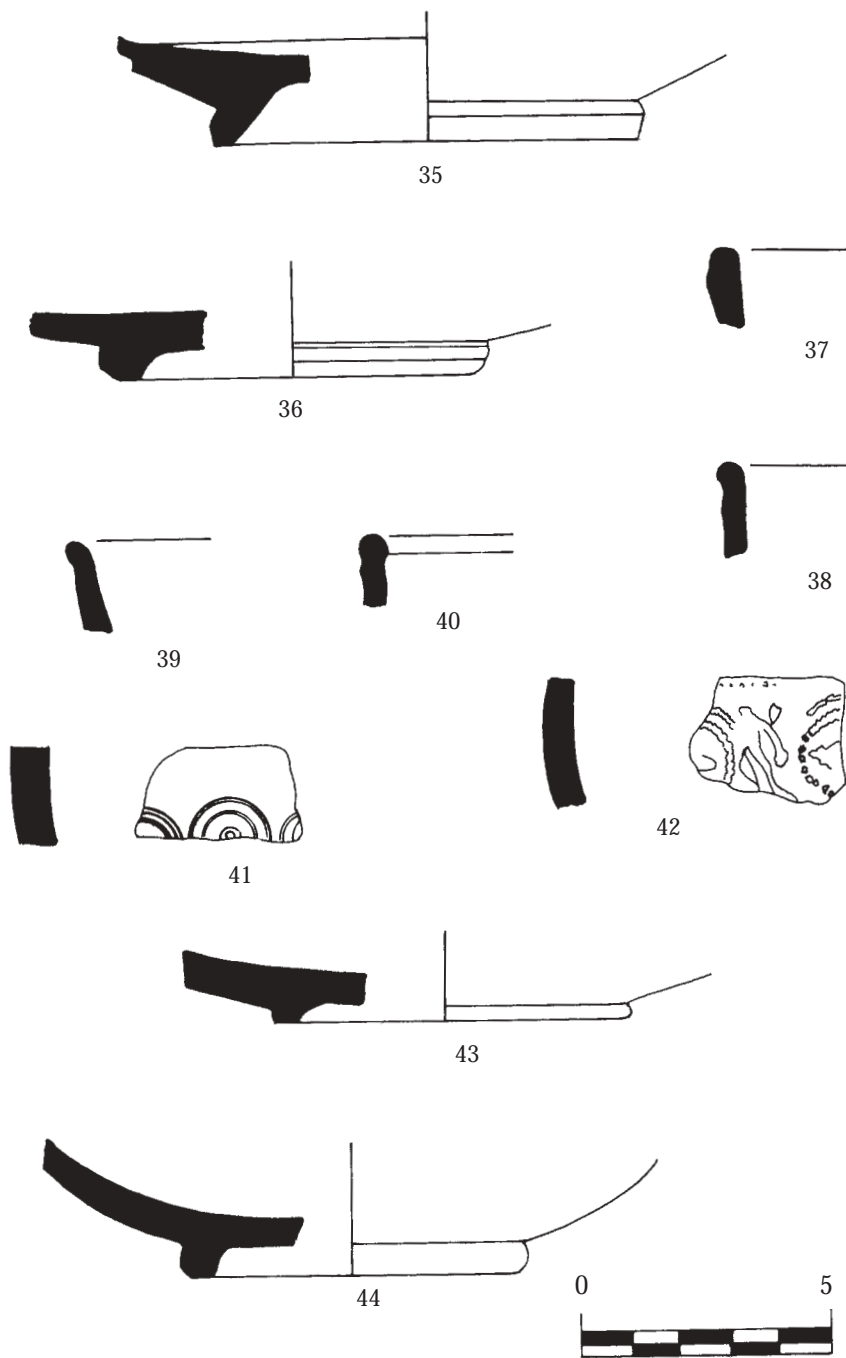
**Pasta** grupo E; cor 7.5YR

**Glanztonfilm/verniz** grupo 2; cor 10R

**Diâmetros** 72 mm (base)

**Cronologia** meados a finais do século I d.C.

**N.º de inventário** MLR/97/19



**Estampa VII** 35-40 - TSH formas indeterminadas; 41 - TSH Drag. 29/37 decorada; 42 - TSH Drag. 37 decorada; 43 - TSA clara A indeterminada; 44 - TSGR/TSH forma indeterminada.

**37****Terra sigillata hispânica (Andújar)****Forma** indeterminada – pequeno fragmento de bordo.**Pasta** grupo E<sub>1</sub>; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 1; cor 2.5 YR**Diâmetros** indeterminado**Cronologia** meados a finais do século I d.C.**N.º de inventário** MLR/97/13**38****Terra sigillata hispânica****Forma** indeterminada – pequeno fragmento de bordo.**Pasta** grupo E<sub>1</sub>; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.1; cor 10R**Diâmetros** indeterminado**Cronologia** meados a finais do século I d.C.**N.º de inventário** MLR/97/38**39****Terra sigillata hispânica****Forma** indeterminada (Drag. 18/31, possivelmente) – pequeno fragmento de bordo.**Pasta** grupo E<sub>1</sub>; cor 10R**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.1; cor 10R**Diâmetros** indeterminado**Cronologia** Flávios a Trajano**N.º de inventário** MLR/97/51**40****Terra sigillata hispânica (Andújar)****Forma** indeterminada - pequeno fragmento de bordo.**Pasta** grupo E; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 1.1; cor 10R**Diâmetros** indeterminado**Cronologia** meados a finais do século I d.C.**N.º de inventário** MLR/97/106**41****Terra sigillata hispânica (Tricio)****Forma** Drag. 29 ou Drag. 37 – pequeno fragmento de pança de taça carenada ou hemisférica.**Pasta** grupo E; cor 2.5YR**Glanztonfilm/verniz** grupo 1; cor 2.5YR**Cronologia** meados a finais do século I d.C.**N.º de inventário** MLR/97/22

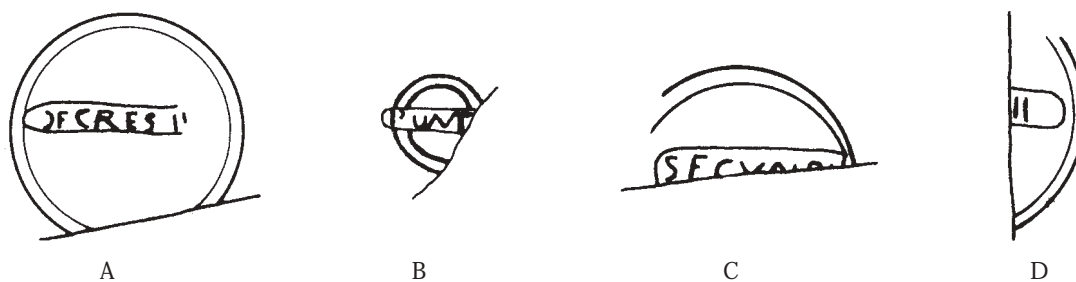
42

**Terra sigillata hispânica****Forma** Drag. 37 (possivelmente) - pequeno fragmento de pança de taça hemisférica.**Pasta** grupo E; cor 2.5YR**Glanstonfilm/verniz** grupo 2; cor 10R**Cronologia** meados a finais do século I d.C.**N.º de inventário** MLR/97/96

43

**Terra sigillata Africana (clara A)****Forma** indeterminada - fragmento de base com arranque da parede.**Pasta** grupo C; cor 2.5YR**Verniz/engobe** grupo 2; cor 2.5YR**Diâmetros** 70 mm (base)**Cronologia** segunda metade do século II d.C. ao III**N.º de inventário** MLR/97/111

44

**Terra sigillata galo-romana ou hispânica (indeterminada)****Forma** indeterminada - fragmento de base com arranque da parede.**Pasta** grupo F<sub>1</sub>; cor 5YR**Glanstonfilm/verniz** grupo 1.2; cor 10R**Diâmetros** 65 mm (base)**Cronologia** meados do século I d.C. a meados do século II**N.º de inventário** MLR/97/99**Estampa VIII** Marcas de oleiro: A - Crestus; B - Pontus ou Pontius; C - Secundus; D - leitura indeterminada

## BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO, M. (1955) - *Necrópolis de Ampúrias*. Barcelona. II, p. 180-181.
- ALMEIDA, F. de (1969) - "Sobre a Barragem de *Olisipo* e o seu aqueduto. Separata de *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 3, 3.
- BOURGEOIS, A.; MAYET, F. (1991) - Les Sigillées. In *Fouilles de Belo*. VI. Paris: E. de Boccard.
- FERREIRA, S. (1969) - Marcas de oleiro em território português. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, vol. III, p. 131-177.
- GENIN ; DESBAT, A. [et al.] (1997) - Les productions de l'atelier de la Muette. *Callia*. Paris. 53, p. 41-212.
- GOUDINEAU = GOUDINEAU, Chr. (1968) - *La Céramique Aretine Lisse*. Paris: E. de Boccard.
- HELENO, M. (1965) - Estação lusitano-romana da Praça da Figueira. *Ethnos*. Lisboa. 4, p. 305-308.
- HERMET, F. (1934) - *La Garufesenque (Condatomago)*. Paris: Librairie Ernest Leroux.
- HUMPHREY, J. (1986) - *Roman Circuses. Arenas for Chariot Racing*. Somerset: University of California Press.
- KNORR, R. (1912) - *Südgallisch Terra-sigillata-Gefässe von Rottweil*. Stuttgart.
- KNORR, R. (1952) - Terra-sigillata-Gefässe des ersten Jahrhunderts mit Töpfernamen. Stuttgart.
- LOPES, M. C. (1994) - *A Sigillata de Repesas: tratamento informático*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- MAYET, F. (1984) - *Les Céramiques Sigillées Hispaniques. I/II*. Paris: E. de Boccard.
- MEES, A. (1990) - *Modellsignierte Dekorationen auf südgallischer Terra Sigillata*. Estugarda: Konrad Theiss Verlag.
- MOITA, I. (1968) - Achados da Época Romana no Subsolo de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa. 116-117, p. 33-34.
- NOLEN, J. (1994) - *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares*. Balsa. Lisboa: I.P.M.
- OSWALD, F. (1931) - *Index of Potter's Stamps on Terra Sigillata*. Margidunum: edição de autor.
- OSWALD, F. (1936-1937) - *Index of figure types on Terra Sigillata (Samian Ware)*. Edinburgh: University Press.
- OXÉ, A.; COMFORT, H. (1968) - *Corpus Vasorum Arretinorum*. Bonn: Rudolf Habelt Verlag.
- PEREIRA, C. (2001) - A terra sigillata das escavações da Praça da Figueira. Campanhas de Irisalva Moita e F. Bandeira Ferreira. Prova de Avaliação de Licenciatura à U.N.L. (policopiada).
- QUINTEIRA, A. (1998) - A Estação Arqueológica da Azeitada (Almeirim). *Conimbriga*. Coimbra. 37, p. 151-183.
- RITTERLING, E. (1913) - *Das frühromische Lager bei Hofeim im Taunus*. Wiesbaden.
- SÁNCHEZ-LAFUENTE PÉREZ, J. (1990) - Terra Sigillata de Segóbriga y ciudades del entorno: Valeria, Complutum y Ercavica. In Colección Tesis Doctorales, 210/90. Madrid: Universidad Complutense.
- VALE, A.; SANTOS, V. (no prelo) - A Barreira do Circo de *Olisipo*. In *Actas do 4.º Encontro de Arqueologia Urbana*. Amadora.

